

OS SILÊNCIOS NA ARTE CONTEMPORÂNEA SUL-AFRICANA A PARTIR DE WILLIE BESTER

Carolina de Campos Tornich¹

Willie Bester é um artista sul-africano que tem sua história marcada pelo silêncio. Nascido em Montagu, próximo à Cidade do Cabo em 1956, é filho de mãe *xhosa* e pai classificado como “*coloured*” pela classificação elaborada pelo regime do *apartheid*. Sua origem demonstra uma fuga ao comum, já que na época não esperava-se que houvesse união entre “diferentes”. Bester, fruto de tal união, foi classificado como “*other coloured*” e viveu segregado em uma *township* durante toda a sua infância.

Em entrevista realizada em novembro de 2016 para esta pesquisa, ele relata a experiência da segregação como algo que, ao frequentar cada transporte público e áreas de circulação limitadas, gerava pequenos incômodos silenciosos. É difícil ser criança e ao mesmo tempo, elaborar uma crítica ao sistema em que vive. Apenas algo não parecia certo, pois as dúvidas apareciam incessantemente, questionando o porquê da distinção entre ele e os outros.

Era comum ser excluído, era comum ser rejeitado. Então eu cresci dessa forma. Eu tive que encontrar em mim respostas para o que estava acontecendo. Às vezes você não entende, se você nasceu dentro desse sistema. Parece muito normal. Então você tem que se reestruturar para entender o que acontece à sua volta. O sistema estava estruturado de tal forma a determinar o seu lugar durante a vida toda. Nós costumávamos entrar por entradas separadas, o transporte público era separado. Havia uma estação de metrô, que ia por baixo da estação de trem, com entradas separadas e pontes separadas, tudo separado. Então muito disso era bem difícil, por que você cresce como um ser humano, e de repente você precisa entender todas essas coisas e de alguma forma, bem lá no fundo, você sente que há algo muito errado nisso.” (BESTER, 14/11/2016, comunicação pessoal)

Desde criança apresentou aptidões artísticas, as quais empregava na construção de pequenos brinquedos para sua distração, e algumas pinturas. Seu amadurecimento como artista se dá quando volta seu olhar para a crítica ao que acontecia ao seu redor. Esse processo se fortaleceu no convívio com outros artistas, membros de um grupo ao qual se uniu em 1986, denominado Community Arts Project.

Esse grupo promoveu uma série de parcerias internacionais, uma vez que não podiam obter o reconhecimento por seu trabalho dentro de seu país. As galerias e museus sul-africanos estavam destinados a artistas brancos. Essas parcerias foram o que gerou o reconhecimento à obra de Bester, de maneira que ele se tornasse um artista de grande realce no cenário de arte africano e ocidental, realizando exposições solo e grandes coletivas por toda a Europa, África e Estados Unidos.

¹ Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte – Universidade de São Paulo (USP)

Titulação: Mestrado

Agência financiadora: CAPES

A partir de então, Willie Bester tem sua produção pautada nos temas da atualidade. Sua obra consiste, sobretudo, de pintura a óleo combinadas com colagem de materiais mistos, fotografias e esculturas montadas com materiais como metal e objetos do cotidiano inutilizados. A crítica político-social presente em seus trabalhos é uma crítica do silêncio, e expressa a indignação daquilo que, quando criança, o artista não era capaz de analisar.

Uma de suas obras mais marcantes, “Sarah Bartmann”, de 1990 (FIGURA 1), é um bom exemplo para demonstrar todas essas características. Sarah foi uma *khoisan* levada para a Europa durante o século XVIII, para ter seu corpo explorado, sexualizado e espetacularizado a partir dos princípios de supremacia racial da época. Depois de ser exposta em praça pública e, mesmo depois de morta, ser estudada e ter partes de seu corpo expostos no Museu do Homem de Paris, só ganhou o direito de voltar para a África do Sul e ser enterrada dignamente após um esforço de Nelson Mandela quando presidente em 1990 e a comoção do primeiro-ministro da França por um poema de uma estudante sul-africana.

No dia em que Bester entregou a obra ao acervo da Universidade de Cape Town, esse poema foi declamado. Após 25 anos da entrega da obra, alunos cobriram a escultura nua de Sarah, entendendo a nudez como mais uma exposição desta mulher e um desrespeito à sua memória. Na verdade, não conheciam o autor da obra ou sua intenção de tributo à personagem. De qualquer maneira, a obra cumpriu ali o objetivo de romper com o silêncio, de gerar indignação e valorizar a história de seu país.

No entanto, ainda que Bester tenha conseguido ampliar internacionalmente o alcance de sua produção, que é atualizada e preocupada com contextos sócio-políticos dentro e fora do país, suas obras figuram em exposições no ocidente que ainda apresentam recortes curatoriais que posicionam obras africanas de contextos diversos em um mesmo bloco, reduzindo a sua importância e desenvolvimento ao longo da história.

Nesta comunicação, apresenta-se dois contextos da obra de Bester em exposição. O primeiro é o contexto de uma exposição local em que a obra de Bester aparece como um fio condutor do discurso de outros artistas. No segundo momento, apresenta-se um exposição do British Museum da qual Bester participa.

“This place, this space” - Diálogos sobre o silêncio entre Willie Bester e artistas sul-africanos sobre a atualidade do país

Entre outubro e novembro de 2016, Willie Bester esteve em exposição na Moór Gallery em Franschhoek, cidade do circuito dos vinhos, próxima a Stellenbosch. “This place, this space”, curada por

Candice Cruse e Julia Meintjes (esta última frequentemente contratada para exposições em galerias com obras sul-africanas), foi parte do festival Art Franschhoek².

Esta galeria pertence a uma família tradicional nas artes na África do Sul. A dona, Katherine Mc William Smith³, é filha e neta, respectivamente, dos pintores Peter Moór e Henrik Moór. Henrik Moór viveu na Europa e Estados Unidos e estudou na Slade School de Londres e na Munich's Fine Arts Academy. Peter Moór pintou cerca de 2000 retratos em comissão durante a sua vida na África do Sul. Ele viveu por quarenta anos em Joanesburgo, e outros vinte em Franschhoek.

A galeria foi inaugurada em maio de 2016⁴, após uma profunda reforma realizada no imóvel antigo que atualmente recebe as exposições, e possui cinco salas. Vende trabalhos de artistas impressionistas e contemporâneos, e possui uma sessão dedicada aos artistas da cidade. Logo, a galeria estreitou contatos com Willie Bester, o que beneficiou ambos. A nova galeria poderia expor obras de um artista sul-africano renomado e ganhar destaque no circuito artístico, enquanto que Bester teria um espaço próximo à Cidade do Cabo onde expor suas peças. A relação estabelecida entre Willie Bester e essa galeria é curiosa, visto que se encontra localizada em uma cidade essencialmente europeia com a chegada dos huguenotes para o cultivo da uva, um dos pontos mais favoráveis à segregação durante o *apartheid* do mapa sul-africano.

Uma das peças de Bester foi produzida como “site specific” para a Moór Gallery, para ser exposta na fachada do prédio, ao ar livre. A suntuosa escultura, feita em metal, integra a lista de “Trojan Horses” produzidas por Bester. Retomando a história deste conjunto de obras, a produção trata de uma série de eventos por todo o país, mais especificamente o que ocorreu em Athlone, próxima a Cidade do Cabo, em que policiais saíram de caminhões de entrega e mercadorias comuns, onde estavam escondidos, para atacar a população segregada nas *townships*. A analogia feita pelo artista ao Cavalo de Troia resultou na construção dos cavalos, feitos de peças automotivas que adquiriu em ferros velhos. O material escolhido, pela dureza, texturas e cor, fazem referência ao armamento pesado e à truculência dos policiais, que no evento em Athlone matou três garotos sem nenhuma razão. Esta obra específica para a Moór Gallery foi chamada de “Apocalypse Horse” pelo artista, produzida em 2016.

² Informações sobre a exposição retiradas do catálogo da exposição e da série de eventos do festival. Apresentação da exposição disponível no link: <http://franschhoek.org.za/event/this-place-group-exhibition-at-moor-gallery-franschhoek/>. Acesso em 22/06/2017

³ Informações sobre a galeria disponíveis em <http://www.whatsonincapetown.com/post/profile-moor-gallery/>. Acesso em 22/06/2017

⁴ <http://eatwelltraveloften.online/moor-gallery-bordeaux-street-franschhoek/>. Acesso em 22/08/2017

“This place, this space”, segundo a apresentação da exposição no catálogo, tem por objetivo “desafiar e encantar o espectador enquanto lidam com as respostas de artistas ao nosso complexo país e sociedade” e emergiu desta relação estabelecida com Willie Bester.

“This place, this space” emerged from Moor Gallery's established relationship with Willie Bester. Bester has been creating strongly-coloured, mixed media works since the early 1990s, commenting on the political and social. He has markedly influenced artists depicting the 'spaces' of informal settlements and racial divides using found materials. Having received more recognition in the market outside of South Africa, it is seldom that contemporary exhibitions here include his work. *This place, this space* shows works by artists such as Diane Victor, whose absorbing images emerge from her reactions to events she views as 'disasters' in our society, in conversation with Bester's pieces. Alfred Thoba and Francois Knoetze challenge us on other issues. Desmond Mnyila's quiet studies of places are not only benign. And with works by, amongst others, Heather Gourlay-Conyngham, Philip Rikhotso and Lizza Littlewort, the magnetic generosity of our country's light, climate, and intricate web of people engages us all further in ever-complex spaces. (apresentação da exposição, disponível em: <http://franschhoek.org.za/event/this-place-group-exhibition-at-moor-gallery-franschhoek/>. Acesso em: 22/06/2017)

A lista completa de artistas participantes segue: Willie Bester, Diane Victor, Lizza Littlewort, Francois Knoetze, Angus MacKinnon, Louis Maqhubela, Heather Gourlay-Conyngham, David Koloane, Joanne Bloch, , Nompumelelo Kumalo, Desmond Mnyila, Helen Timm, Jabu Masuku, Janet Wilson, Derrick Nxumalo, Alfred Thoba, Louise Linder, Thandeka Mathenjwa, Thulile Nyawo, Ncamisile Tembe, Sizakele Mbuyisa e Eunice Geustyn.

A pequena galeria parece fazer crescer uma árvore invisível dentro de si nesta exposição, entendendo Willie Bester como o tronco que mantém a base do diálogo com outros artistas, as ramificações deste tronco, que tratam temáticas similares às dele, políticas ou sociais, ou que abordam outros temas, ou o mesmo tema por outras perspectivas, ou apenas por uma aproximação estética.

Os elementos mais importantes da obra de Bester são: engajamento político, tema das questões sociais, arte como um espelho da realidade atual, retomada de fatos e mártires do *apartheid*, retratos a óleo de cidadãos sul-africanos (mais frequentemente khoisan), cores vivas, crítica ao passado e às desigualdades, uso de materiais inutilizados, técnicas e matérias-primas mistas em um único trabalho (trabalho de composição e reestruturação de elementos para formar um todo coeso e unificado, construção das obras assim se repete nas temáticas, no objetivo do artista em reestruturar na arte as desigualdades e erros históricos de seu país), colagens, o tema da criança que lida com a pobreza e transita em ambientes inóspitos, da infância ausente, o tema da exclusão social, gentrificação, das estruturas de poder e a realidade e o realismo (uso de fotografias coladas nas pinturas, assemblage de elementos do cotidiano) . Em “This place, this space”, esses elementos e temáticas estão presentes em obras de outros artistas, e por esta razão, dialogam com as peças de Bester. O espaço desta exposição, apesar de todos os silêncios por trás, é o de falar. Falar de si mesmo e de seu país.

A artista que conversa, talvez, mais diretamente com as obras de Willie Bester é Diane Victor, uma gravurista que retrata a partir de fortes imagens, muitas vezes simbólicas e mitológicas, aquilo que considera como desastres na contemporaneidade da África do Sul. A artista, de Pretória, expôs em Franschhoek 20 gravuras em papel.

A obra “Mind the gap” (2002) (FIGURA 3) trata da pobreza na África do Sul. Durante o *apartheid*, houve um processo de gentrificação profundo em todo o país. Na Cidade do Cabo, o exemplo mais lembrado é o caso do District 6, em que a população não-branca do bairro foi forçada a deixar suas moradias para dar o espaço urbano privilegiado aos brancos.

Na figura, uma mulher caminha, aparentemente sem rumo, com seus pertences em um carrinho de supermercado, como que expulsa e sem um lugar para morar. Imagens de casa aparecem isoladas da figura central nos cantos da obra, pois a personagem não possui acesso a elas.

“Mind the Gap” aproxima-se da temática de uma das obras de Bester exposta em “This place, this space”: “Relocation”. Na obra, Bester retrata o momento da chegada de um caminhão de mudança para a *township*. Em meio à pintura cheia de cores e elementos da vizinhança pobre, o artista realiza a colagem de fotos de crianças moradoras. A mudança deve-se ao fluxo de pessoas para essas comunidades pobres, fruto do processo de gentrificação e da falta de oportunidades.

A forte expressão da indignação pelos artistas dentro de suas obras é algo recorrente dentro do circuito de arte na África do Sul. Nos museus nacionais e galerias, a maior parcela das obras se importa em recontar e avaliar a história. Dentro deste circuito, consideradas devidamente as suas limitações, os artistas tem um espaço de fala sobre suas angústias sociais e políticas.

O silêncio curatorial da exposição “South Africa: the art of a nation” no British Museum

Entre outubro de 2016 e fevereiro de 2017, o British Museum exibiu uma exposição denominada “South Africa: the art of a nation”, curada por Jack e Betsy Ryan. A proposta era reunir trabalhos que remontam a história de 100.000 anos de arte sul-africana, desde peças arqueológicas aos trabalhos contemporâneos. Foram exibidos 200 objetos em ordem cronológica, com o objetivo de “trazer à luz” as realizações artísticas da história do país, segundo o press-release da exposição.

Nesta exposição, Willie Bester participa com a obra “Transition” (1994), feita de meios mistos. Em um vídeo no YouTube⁵, o artista apresenta os principais elementos de sua obra, dotada de uma complexidade simbólica. Ele explica que sua obra mostra sua visão sobre o desenvolvimento de seu país,

⁵<https://www.youtube.com/watch?v=-RHmzIQPTkc&list=PLg5eD7GnMcpIIvOqBBXV3aNj2OviizIXL>
Acesso em 22/01/2018

cujo processo ele chama de “transição”. No caso, o processo de transição diz respeito a dar sentido ao que chamam na África do Sul de *New Democracy*, posterior ao regime de segregação. Segundo o artista, a arte “serve à sua voz”, e seu processo se constrói a partir de objetos que encontra em lixões e na rua.

Ele explica os elementos da sua obra. O livro inserido nela diz respeito à ideologia imposta às pessoas pelo sistema do *apartheid*. A guitarra ou violão simboliza o sistema, dada a memória do artista em sua comunidade, em que o instrumento musical tinha um papel importante. Os copos dizem respeito ao elemento religioso do *apartheid*, fazendo uma metáfora ao fato bíblico de Jesus Cristo ter sido forçado a beber antes de sua crucificação.

Okwui Enwezor (2003), em seu artigo “The Postcolonial Constellation”, faz uma crítica da globalização como sendo responsável por um achatamento de culturas. A arte neste contexto passa a ser vista de maneira científica e não política, desprovida de história segundo o autor. Enwezor relembra o fato de que a primeira exposição de arte que fez uma tentativa de quebra com a visão eurocêntrica “norteadora”, que reduz o Sul e o não-ocidental à esfera do “exótico” e do “primitivo”, ocorreu em 1989. Ao voltarmos o olhar para a exposição de 2017 do British Museum, a questão permanece viva e ainda espera por soluções.

Um recorte de 100.000 anos pretende retratar uma nação, cujo território antes de 1488 com a chegada de Bartolomeu Dias era habitada por povos locais. O conceito de nação seria, portanto, meramente geográfico, pois não seria lógico para os primeiros grupos que habitaram o território. Cada obra, em especial as mais contemporâneas, possuem um conceito próprio que está diretamente ligado às críticas sociais atuais e que muito pouco ou nada têm a ver com os objetos rituais e outras peças. Como criticou Enwezor, a história que está por trás da produção artística contemporânea parece apagada.

Outro aspecto é a celebração da arte sul-africana em um dos seus países colonos. Os problemas que afetaram o país e que geram crítica social começaram não no *apartheid*, mas durante todo o duro processo de colonização ao qual foi submetido. Sem uma explicação direcionada a estas obras, perde-se o contexto e a razão desta produção. Nisto reside um grande “silêncio curatorial”. Enwezor refere-se ao achatamento das culturas pela globalização, e a arte sul-africana em “South Africa: The art of a nation”, aparece reduzida, e deixa claro que um recorte de 100.000 anos é “possível” somente para uma arte não-ocidental. Uma exposição sobre a arte da França dificilmente reuniria pinturas rupestres e pinturas de Monet em uma cronologia.



FIGURA 1 - “Sarah Bartmann” – Willie Bester – 1990 – metal galvanizado

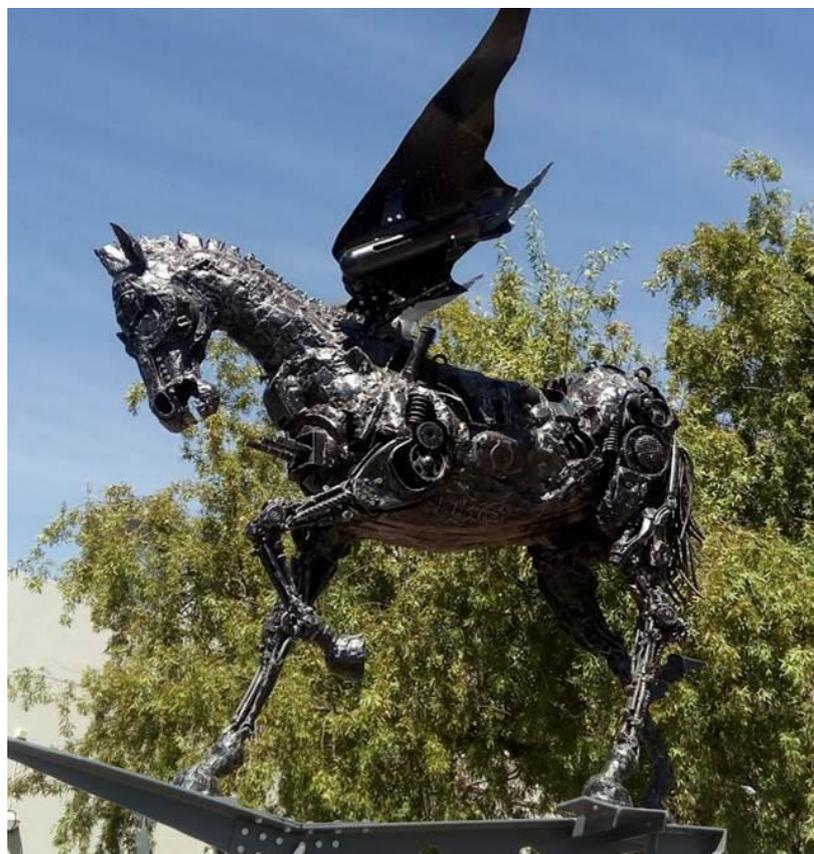


FIGURA 2 - Apocalypse Horse – 2016 – Willie Bester - Metal galvanizado



FIGURA 3 - Mind the gap 1/25 – Diane Victor, 2002, gravura sobre papel, 21 x 28 cm



FIGURA 4 - Relocation – Willie Bester⁶, 2013, pintura a óleo, 54 x 104 cm

⁶ Imagem de acervo pessoal.

Referências Bibliográficas

ENWEZOR, Okwui. **The Postcolonial Constellation: Contemporary Art in a State of Permanent Transition**. In: Research in African Literatures. Vol. 34, n. 4. Indiana University Press, 2003.

ENWEZOR, Okwui; OGUIBE, Olu. **Reading the Contemporary: African Art from Theory to the Marketplace**. Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1999.

ENWEZOR, Okwui, OKEKE-AGULU, Chika (Organizadores) **Contemporary African Art since 1980**. Bologna, Damiani, 2009.

GONIWE, T., MAJAVU, M. e PISSARRA, M (Organizadores) **Visual Century**. Volume 4, Joanesburgo: Wits University Press, 2011.

KASFIR, Sidney. **Contemporary African Art**, Londres, Thames & Hudson world of art, 1999.

LEE, Donvé. **Willie Bester: art as a weapon**. Awareness Publishing, 2008.

PISSARRA, M (Organizador) **Visual Century**. Volume 3, Joanesburgo: Wits University Press, 2011.

ARTIGOS ONLINE, CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÃO E PÁGINAS DA INTERNET

Artigo do The Guardian sobre a exposição do British Museum:

<https://www.theguardian.com/artanddesign/2016/oct/26/south-africa-the-art-of-a-nation-review-apartheid-british-museum> Acesso em 22/01/2018

BUIKEMA, Rosemarie. “The Arena of Imaginings: Sarah Bartmann and the Ethics of Representation”.

Disponível em:

http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31281626/The_Arena_of_Imaginings.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1495598305&Signature=cXoUKeweC5%2B6kLoZC0%2F%2B1kNyeT4%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DThe_Arena_of_Imaginings_Sarah_Bartmann_a.pdf Acesso em: 20/07/2017

Catálogo da exposição e da série de eventos do festival de Franschhoek: <http://franschhoek.org.za/event/this-place-group-exhibition-at-moor-gallery-franschhoek/>. Acesso em 22/06/2017

Diane Victor:

<http://www.jackimcannes.net/WritingArticles/1CatalogEssayDianeVictor2010.pdf>

Acesso em 23/06/2017.

<https://www.moma.org/collection/works/95157>. Acesso em: 23/06/2017)

Exposição “This place, this space”: <http://eatwelltraveloften.online/moor-gallery-bordeaux-street-franschhoek/>. Acesso em 23/06/2017

Press-release da exposição do British Museum:

<https://www.britishmuseum.org/PDF/South-Africa-the-art-of-a-nation.pdf>. Acesso em 23/01/2018

Vídeo do British Museum sobre a obra “Transition”. Depoimento de Willie Bester

<https://www.youtube.com/watch?v=-RHmzIQPTkc&list=PLg5eD7GnMcpIIVoqBBXV3aNj2OviizIXL>

Acesso em 22/01/2018